



F E E S S E R S

CUT BRASIL

SINDISAÚDES FILIADOS

Mulheres da saúde e a dura vida nas jornadas reversas

Não basta ser mulher. Afirmação é o espelho da vida dessas bravas mulheres que saem da sua zona de conforto e expõem seu dia a dia

Às 15h30min da tarde, quando a Isabel sai de Gravataí para poder chegar às 19h no hospital em São Jerônimo, a Fabielle também se prepara para o turno da noite, enquanto a Alice e a Ariane ajustam suas atividades do dia. Toda essa movimentação parece individual e é, de fato, mas entrelaça um infinitésimo das muitas mulheres trabalhadoras em saúde que enfrentam dia a dia segundos, terceiros, quartos turnos, ao atenderem também suas famílias nos horários reversos. Entre a preocupação em executar bem seus trabalhos e o bem estar da família, os depoimentos que a acompanhamos demonstram a sobrecarga que acompanha e pressiona cada vez mais as mulheres que estão no comando familiar. Este material é fruto das muitas cruzadas de estrada feitas pela direção da Federação dos Empregados em Estabelecimentos de Saúde do RS - FEES-ERS, levando a necessidade de reunir uma amostragem para conhecimento público e assim, pensar políticas que possam dar apoio a estas e outras tantas mulheres, numa categoria 85% formada por mulheres.

A força por trás do uniforme

Duas vezes por semana a técnica em enfermagem Isabel Delisandra deixa o marido em casa, em Gravataí onde mora atualmente e passa a noite na casa de sua mãe, em São Jerônimo para atender questões familiares e sindicais. A situação incomoda Isabel, presidente do Sindisaúde da Região Carbonífera, mas ao mesmo tempo faz parte da sua personalidade encarar de frente as responsabilidades, tanto profissionais quanto pessoais. Diariamente “pula” da cama não muito tarde, para chegar a tempo de assumir seu plantão às 19h, sendo esta também uma forte razão para dormir na casa da mãe em alguns dias.

No entanto esta aparente normalidade, por vezes suga a energia de Isabel, porque a chefia do Hospital de Caridade de São Jerônimo onde trabalha, se recusa a liberar a presidente do Sindisaúde para que possa exercer suas funções sindicais e, também não libera mais cedo em momentos de crise pessoal. E a vida fora dos portões da instituição não é fácil, como diz Isabel, a mãe aposentada, trabalha há 28 anos no Hospital Conceição e ajuda a cuidar do filho, que enfrenta a depressão desde os seus 13 anos (hoje com 24), o que custou e continua a exigir horas de atenção, tratamentos neurológicos, exames, luta contra o bullying, baixa estima e isolamento. Da mãe Vera Teresinha Azambuja Conceição, viúva há 12 anos, provedora do lar, herdou a garra, a vontade de viver e a luta sindical, que exerce até hoje.

Há dias que a única válvula de escape para conseguir trabalhar, é chorar e conversar com as colegas. Em outros, se dedica a ler, o que gosta muito e ultimamente ao livro de pintura terapia. Tudo aliado com música, violão, caminhadas e muitas orações, uma vez que é católica fervorosa. Mas ainda assim, quando consegue um momento sozinha, chora até cansar, desabafa, afirmando não levar a vida pessoal para o dia a dia e ao vestir o uniforme, “passa a ser outra pessoa”.

Questionada sobre o suporte emocional do setor onde trabalha, diz com pesar, que muitas das chefias, não têm este tipo de cuidado com os funcionários, pois a meta é produzir. Há dias em que os teus problemas ficam pequenos, quando tu vê um colega ser humilhado e soluçar de tanto chorar e a chefia virar as costas sem a menor empatia, sentença. É preciso dizer, no entanto, que também existem chefias da enfermagem que acolhem e ajudam as colegas, diz Isabel. O sofrimento já foi banalizado, infelizmente, aponta a técnica.

Como mulheres, nossa carga de trabalho e emocional é muito superior aos homens, disso Isabel diz não ter dúvidas, mas hoje em dia eles também estão sendo afetados com sobrecarga e alguns já desabafam suas dores. Muitos ainda são bastante reservados, pela condição de que sofrer ou chorar “não é coisa de macho”, entende a presidente do sindicato.



**Isabel
Delisandra**

Pressão e sobrecarga todos os dias

Um susto ao positivar com o CORONAVÍRUS só fez aumentar a pressão e a sobrecarga emocional da Simone Monschau Moura, técnica em enfermagem de Cruz Alta. Simone mora com a mãe, tem cinco filhos e três netas. Diariamente a técnica cuida da neta mais nova de um ano, enquanto a filha acompanha a mais velha de sete anos, que está finalizando um tratamento contra a Leucemia, em Porto Alegre (distante uns 357 km da cidade). Olhando para dois anos atrás, Simone lembra que estava se organizando em torno da mudança que faria para Santa Catarina, mas de repente, tudo mudou quando a mãe sofreu um AVC e em virtude das sequelas necessita de cuidados.

No hospital onde trabalha, o Santa Lúcia não há suporte para a saúde mental dos funcionários, mesmo que trabalhe há 25 anos como ela. Neste ano de pandemia, Simone percebeu que a mudança de acolhimento veio dos pacientes e familiares, que pela primeira vez se preocupam em saber se “aquele ser humano cuidando deles está bem”. Para a chefia da instituição os funcionários não podem adoecer e quando isto acontece é porque não servem mais, lamenta. Por acompanhar “na pele” estas questões, Simone encontra tempo para atuar no Sindisaúde Cruz Alta, em busca da melhoria das condições de trabalho para todos.

O medo tem sido um companheiro da técnica, mas também de seus muitos colegas do hospital, nos diversos setores, porque convivem com a COVID-19 e não tiveram qualquer preparo para o enfrentamento da situação. Ela que já teve a doença, ainda que tenha sido com sintomas fracos, teme pela família que já enfrenta problemas sérios. Além disso, mesmo com os Equipamentos de

Proteção Individual - EPIs, o medo é uma constante. Simone acredita que 90% dos funcionários não estão equilibrados emocionalmente para as duras tarefas que desempenham ao longo do dia.

Para aguentar a forte carga que segura ao sair do hospital, a exemplo da Isabel de São Jerônimo, procura conforto nas lágrimas, o que faz sozinho, no banheiro de casa e eventualmente no hospital, depois enxuga a aparência e “segue em frente”. Seguir em frente significa baixar a cabeça no hospital, onde vê situações de igual para pior, morte de colegas, assédio moral, denúncias não encaminhadas, disputa entre colegas nos turnos inversos, “alguns deduram mesmo os próprios amigos” e as notificações sem qualquer motivo real. Nem mesmo momentos de lazer consegue ter, tal o nível de ações que precisa organizar antes e depois do trabalho.

Aliás, Simone foi advertida pela chefia sobre uma prescrição médica não atendida. “O medicamento foi dado e a situação resolvida”, diz a técnica que reclama da falta de pessoal nos setores, levando a momentos delicados, em que uma só pessoa teve que lidar com uma internação de pessoa desmaiada, outra pós obstetrícia e uma terceira com cirurgia agendada. “Lidam com a vida dos outros, mas falta empatia”, arremata. Pagam mal e não valorizam a gente, se entristece Simone.



**Simone
Monschau**



Briga na justiça e receio de perseguição

Em meio a uma disputa judicial, a técnica de enfermagem Ariane Ferreira de Araújo Coelho experimenta mais um motivo de estresse, pois foi demitida recentemente por reagir contra a troca de turno, já que tem dois filhos de 15 e 9 anos que ainda precisam da presença dela. Há 12 anos trabalhando no Hospital de Tupanciretã sempre à noite, Ariane não entende porque foi trocada para o turno diurno, sem que tivesse conversado com a chefia sobre o transtorno que o fato causou em sua vida. O marido Juliano Coelho e os pais trabalham em uma Granja, em torno de 50 km de distância de Tupã, o que impede o apoio que precisaria ter no cuidado com os menores, principalmente neste momento em que começou o período de colheita de trigo e em seguida, de plantar soja e aveia.

Atualmente atuando no setor de psiquiatria, Ariane Coelho diz que é complicado conviver com situações como esta e se manter tranquila no trabalho. Não basta o medo diário da pandemia e de poder transmitir para os filhos e pais o vírus, enfrenta o medo adicional de deixar os filhos sozinhos em casa sempre que precisa fazer rodízio de turno, além de perder o percentual do adicional noturno, valor que faz falta para a família. Em conversa com a administradora auxiliar, Marta Kruger a técnica explicou sua situação, chegando a dizer que se a escala não voltasse ao normal, levaria as crianças com ela e deixaria com a diretora. Foi a gota d'água para a decisão, por perseguição afirma Ariane.

Extremamente chateada com a situação, Ariane se junta ao grupo de mulheres que trabalha fora, mas encara um segundo e terceiro



**Ariane
Ferreira
de Araújo
Coelho**



turnos em casa, cuidando da estrutura doméstica, dos filhos, marido e pais. Como aceitar tudo calada, observa a técnica, lembrando que nos 12 anos de trabalho, nunca recebeu notificações, queixas de colegas e chefias, tendo uma ficha irrepreensível e de repente, houve que “não tem mais o perfil da empresa”.

O desrespeito é tamanho que foi demitida, mas descobriu que o FGTS nunca foi depositado e a resposta do hospital foi “para procurar a Justiça”. Recebeu parte dos direitos e o restante não tem prazo, informa e questiona se isto é justo.

Neste ano entre junho e julho chegou a contrair a COVID-19 e ficou em casa no isolamento. Neste período Ariane pode contar com a mãe, que levou os filhos para sua casa, na tentativa de evitar o contágio. “Ninguém ligou para saber como eu estava”, diz ela e estava com dores de garganta, no corpo, febril e com diarreia. Muita falta de empatia, ainda mais para quem trabalha no setor de psiquiatria que recebe gente de toda a região, que chegam ao hospital sem serem testados. O medo é uma constante dentro e fora do hospital, complementa. “Não temos valorização dentro do hospital e vivemos com a cabeça em dois lugares ao mesmo tempo”, diz entristecida.

Rotina comprometida entre trabalho e vida

Instigada a concorrer para compor a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA, Fabielle Leite Pereira se empolgou inicialmente e depois "caiu na real", ao lembrar da família, a qual considera seu esteio. Natural de Alegrete e morando em Passo Fundo há seis anos, é a mantenedora da casa. Separada há 10 anos, tem um filho de 16 anos, a mãe com diabetes e Alzheimer e o irmão paraplégico e totalmente dependente desde o acidente ocorrido há 30 anos. E com toda esta rotina de vida altamente comprometida, enfrentou problemas no Hospital São Vicente, ao decidirem trocar seu horário do dia para a noite, mesmo diante deste quadro de vida.

A conversa com a chefia não deu resultado positivo, mesmo estando ciente de que o filho de Fabielle está se tratando para a esquizofrenia, a mãe precisa de atenção e o irmão de cuidados especiais. Tudo isto causa um desespero, diz ela, porque muitas vezes estava trabalhando e pensava no filho, na mãe e no irmão e se agitava internamente, mas tinha que superar para seguir tratando os pacientes sob seus cuidados. Nem mesmo sair meia hora antes é permitido sem banco de horas, ressalta a técnica em enfermagem.

De uma família de seis irmãos, até pela distância como destaca, os cuidados ficam exclusivamente com Fabielle e em alguns dias com a irmã que reside em Lajeado. Quando trabalha de noite, chega às 7h15min em casa dorme até 9h30/10h, e a rotina já a faz levantar. Dá a medicação da mãe, prepara o café de todos, o almoço, lava roupa e deixa a estrutura pronta para o período da noite, para que possa sair minimamente tranquila para trabalhar.

Esses detalhes da vida pessoal não são levados para dentro do hospital, pelo menos Fabielle tenta agir desta forma. Mas, a pandemia deixou os nervos de todos à flor da pele, observa a técnica em enfermagem há 18 anos e que está há dois anos sem

férias, trabalhando direto e com colegas afastados. Como forma de lazer, tem dois escapes, Praça central de Passo Fundo e a Igreja próximas de casa e aguardando a liberação para um novo formato de vida e encontrar amigas para espairar.

O problema maior é que não há valorização dos profissionais em saúde, apenas um "faz de conta para aparecer", relata. Tanto é verdade que uma colega não aguentou a carga, o assédio moral, a pressão constante e pediu demissão, não podia mais pensar em colocar os pés no hospital. Falam muito em humanização e creditação, mas a gente está corroída por dentro e ninguém vê, lamenta.

"Não posso me dar ao luxo de parar de trabalhar, nem de desistir de cuidar da minha família" comenta a técnica. E diz que passa bons momentos com o irmão, muito culto, que gosta de ler bastante e atualmente está pintando quadros abstratos, via adaptação de seu computador e vende para obter uma renda a mais.

Diante deste quadro realista, Fabielle tenta manter o bom humor e a sanidade em dia, mas de vez em quando notícias boas chegam, acentua ela. Quatro amigos que salvaram a vida do irmão Glênio Pereira no dia do acidente em São Paulo, convidaram a família para uma festa em comemoração à vida, mobilizando a família a se preparar para a viagem a Piracicaba/SP onde moram e enfim, terem alguns momentos de lazer e leveza.



**Fabielle
Leite
Pereira**



Turbulência e medo em 24 horas

Alice Silva é uma mulher de natureza tranquila, mas viveu uma rápida turbulência no trabalho, que gerou uma demissão intempestiva e uma reintegração em 24 horas. Uma emoção forte para quem, da mesma forma que a Fabielle e as demais mulheres aqui, é a mantenedora da família. Alice tem três filhos, Gustavo de 23 anos, David de 22 e Camila de 9 anos. No mesmo terreno, mora a mãe Graziela, viúva, que consegue dar apoio em momentos mais complicados.

Fruto de muito esforço, Alice conseguiu se formar há três anos como técnica em enfermagem, mas nunca conseguiu uma oportunidade dentro do hospital onde trabalha na área de higienização. Esse reconhecimento de esforço, diz a técnica seria fundamental para melhorar as condições financeiras da família, pois não recebe pensão do ex-marido, com o qual foi casada durante 20 anos. O filho mais velho é casado, a nora trabalha e tem uma filha e a boa notícia foi que começou a trabalhar no início deste mês. A conquista do emprego trouxe um alívio para a família.

Na vida pessoal nenhuma novidade, diz Alice Silva rindo. Mas prefere não reclamar da jornada estendida quando chega em casa. Seu tempo também é dividido com a amiga Isabel Delisandra, presidente do Sindisaúde Região Carbonífera, onde é diretora e Isabel presidente. Mas confessa que está em constante preocupação com a família, porque se sente responsável por tudo que acontece com cada um. Tanto que teme levar a COVID-19 para a família, apesar da nora ter contraído o vírus, levando todos a testarem, sem nenhum positivado.

Das 7h às 13h quando começa seu turno no Hospital de Caridade São Jerônimo Alice se dedica a preparar o café, limpar a casa, lavar roupa, deixar almoço pronto e garantir algum tempo com a filha, Camila que reclama a ausência da mãe, alegando também ter muita saudade e vontade de ficar mais tempo com ela.

A vida não é tão fácil para o sexo feminino

Todas têm história diferentes, são de gerações diversas e apresentam pontos de vista variados, mas concordam com uma coisa: apesar das conquistas e mudanças dos últimos anos, a vida não é tão fácil assim para o sexo feminino. A mulher pode até trabalhar e estudar, mas é obrigação dela tomar conta da casa e dos filhos. Esta afirmação é da presidente do Sindisaúde Santiago e diretora da FEESERS - pasta das Políticas para as Mulheres - Margarete Lavarda Resmini.

Para Margarete a profissional do gênero feminino se submete a várias formas de violência, mantendo-se no emprego por: medo do desemprego, valor do salário, condições precárias de outros empregos, medo do questionamento de familiares e amigos e por acreditar na possibilidade do assédio acabar ou diminuir com o passar do tempo. Pouca representação social e política é feita na maioria por profissionais do gênero masculino. Para isso utilizam-se práticas que dificultam a participação ou não incentivam a participação das mulheres nas organizações criadas dentro das instituições, avalia. É possível detectar a tímida participação da profissional do gênero feminino nos espaços sindicais, assim como em outras esferas do espaço público. A política de cotas, estruturada nas últimas décadas é considerada um avanço no acesso das mulheres aos cargos eletivos do país, foi adotada, também, pelas Centrais Sindicais, mas estas ainda encontram dificuldades em fazer com que os sindicatos cumpram as cotas para mulheres nas suas diretorias. Mas, quando as mulheres conseguem fazer parte das lideranças e "vencem as dificuldades construídas" na prática das relações sindicais, tornam-se líderes competentes.

Margarete Lavarda Resmini
Presidente do Sindisaúde
Santiago e Diretora da
pasta das Políticas para as
Mulheres da FEESERS



Nem tudo são fragilidades

Como foi observado por uma das entrevistadas, a pandemia da COVID-19 acarretou em um olhar mais sensível da sociedade, de maneira geral, para a saúde do trabalhador e, neste sentido, algumas ações virtuais e gratuitas de acolhimento em saúde mental têm sido disponibilizadas aos trabalhadores pelo Ministério da Saúde. Nesta análise da Psicóloga Tamires Santos Rios, este recente e genuíno interesse dos pacientes e familiares pelo bem-estar e qualidade de vida daqueles que lhes prestam assistência pode ser um potente disparador para a quebra da representação, quase fantasiosa, de que o profissional de saúde está sempre disponível para atender, imune a quaisquer questões de ordem pessoal. É imperioso, portanto, compartilhar

estes relatos acerca do limite humano que, inevitavelmente atravessa o cuidado em saúde e que não deve ser visto como uma deficiência, mas como uma importante ferramenta na humanização do cuidado não só com o trabalhador, mas com o próprio paciente, já que para cuidar bem do outro é necessário, antes, sentir-se bem cuidado.

Ao mesmo tempo, acentua a psicóloga Tamires, nem tudo são fragilidades. As histórias destas mulheres transbordam resiliência e um vigoroso potencial adaptativo, tanto na esfera pessoal quanto profissional. Poder transpor as habilidades emocionais desenvolvidas em uma esfera para a outra é, sem dúvida, um movimento emocional saudável, mas também complexo, pois requer autoconhecimento, coragem para expor suas fragilidades e muito suporte emocional, familiar, social e institucional. Para isso, é urgente acolher e validar o sofrimento destas trabalhadoras, seja por meio de escuta individual especializada em saúde mental ou nos setores destinados à saúde do trabalhador, nas próprias instituições de saúde ou ainda em espaços coletivos de trabalhadores, como os sindicatos.



**Tamires
Santos Rios
Psicóloga
CRP 07/22921**

Liderar uma instituição requer a observância das condições de trabalho da equipe



Milton Kempfer - presidente da FEESERS

Os relatos do cotidiano destas trabalhadoras, mostra que muitos coordenadores de equipes e administradores de hospitais, estão atentos apenas aos resultados e não se preocupam com as condições da prestação de serviços das trabalhadoras, sobrecarregadas física e emocionalmente, pelas tarefas e responsabilidades que carregam como únicas ou principais provedoras e cuidadoras dos demais membros da família. As condições de estar num ambiente de trabalho de grande responsabilidade e pressão psicológica, ao mesmo tempo que carrega uma carga emocional, desgaste físico e mental da jornada do lar, que não é levada em conta pelos responsáveis pelos serviços de saúde, leva ao grande adoecimento de mulheres, muitas delas perdem de forma precoce sua condição laboral. Lutar pela humanização do atendimento, requer humanizar as condições de trabalho das mulheres que trabalham na assistência aos usuários do SUS.

É preciso termos claro que há vida do lado de fora dos ambientes de trabalho, mesmo que a patronal, pensando apenas no rendimento do funcionário, não olhe para o trabalhador como um ser que existe fora da empresa, que se veste, come, paga contas, tem família, enfrenta doenças e educa filhos entre outras atividades, lamenta o presidente da FEESERS Milton Kempfer.

**FEESERS EM PAUTA: Edição especial MULHERES DA SAÚDE E A DURA VIDA NAS JORNADAS REVERSAS. Textos e entrevistas: Inara Claro - Jornalista - Mtb 5490 - Assessora de Comunicação da FEESERS. Edição: Comconexão Comunicação e Marketing. Federação dos Trabalhadores em Saúde do RS - FEESERS e Sindisaúdes Filiaados.
Rua Santo Antônio, 635/ Porto Alegre -RS.**

Telefones (51) 3311.5343 / 99969.4262
WhatsApp (51) 99935.4765 (Inara).